

Esses 563 mil são os caras

(Jorge Taleb)

São consideradas classe média C as famílias com renda mensal entre R\$ 1.100,00 e R\$ 4.800,00. No mês de janeiro, 563.000 pessoas componentes desse grupo despencaram para as classes D e E, retornando à condição de baixa renda. Esse retorno ao passado pode ser bem maior, pois só foram analisadas pelo Centro de Pesquisa Social da Fundação Getúlio Vargas seis das regiões metropolitanas, que representam um quarto da população brasileira.

Parafraseando Barack Obama, esses 563.000 são os caras. Os de verdade. São os caras que sofrem as inconseqüências da imprevisão do presidente Lula da Silva, ao avaliar o tsunami econômico como simples marola.

O que pensar sobre o futuro do trabalhador brasileiro quando se toma conhecimento de pesquisa realizada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo apontando que duas em cada cinco indústrias paulistas pretendem demitir empregados nos próximos meses?

Os verdadeiros caras são e serão os sobreviventes da incompreensível bagunça decorrente da ausência de uma gestão voltada para os grandes problemas nacionais. Privilegiam-se as ações meramente político-eleitorais mescladas com jogadas de marketing que possam reconduzir a figura presidencial às alturas nas pesquisas e estabelecer visibilidade para a ministra Dilma Rousseff, deixando de lado os problemas – nas áreas de transporte, educação, saúde, etc. – que se sucedem ao longo destes últimos anos.

Os favores oficiais federais, disfarçados de programas sociais, já não exigem mais a reciprocidade do beneficiado. As bolsas disso, daquilo e de que mais quiserem passaram a ser mero instrumento para a conquista da simpatia do povão. E o voto.

Pobre Brasil e pobres brasileiros que tanto terão a cumprir para recuperar o tempo perdido e saldar os débitos que vierem a herdar. Uma crise econômica como esta que atravessamos sempre deixa suas cicatrizes. Cicatrizes que nem mesmo cirurgias plásticas – iguais a essas tantas que plastificam tantos rostos voltados para as urnas - são capazes de esconder ou disfarçar. Os atingidos por tais marcas, vítimas inocentes da avidez de uns tantos e incompetência de outros, olvidarão facilmente este período de tamanhas dificuldades? Particularmente, temo que sim, pois, como dizem, o brasileiro esquece fácil... e depressa.

Para promover externamente a imagem presidencial, o Brasil oferece emprestar dinheiro ao Fundo Monetário Internacional, enquanto prefeitos e até governadores garimpam recursos na Esplanada dos Ministérios ou, talvez, esplanada de incontáveis mistérios. Para promover internamente a imagem presidencial, o Planalto cria medidas de imPACto que não se concretizam e expõe em todos os cantos e para tantos quanto foram necessários, o presidente e sua pretensa sucessora. E eles despejam seus blá-blá-blás, como se um só de seus ouvintes fosse incapaz de compreender os absurdos de suas palavras e de suas promessas.

Essas idas malucas, sem vindas de prosperidade cansaram-me. Como devem ter cansado os brasileiros inconformados com o desprezo à verdade que nos têm imposto essa gente.

Pretender se eternizar no comando de um país que quer ser livre e verdadeiramente democrático é uma perigosa fantasia. E há quem lutará contra isto, ao lado desses 563.000 caras, além daqueles que, infelizmente, ainda se verão na rua da amargura do desemprego.